

DE 3 DE MARÇO A 13 DE ABRIL | 2023

OF
OLHAR FEMININO
OF
EXPOSIÇÃO COLETIVA

CURADORIA: CARLOS ALVARES

MARIA FAUSTINO . FRANCISCO SOARES . SOFIA BEATRIZ .
MARIANA PEREIRA . LUCAS COELHO . MAGDALENA
SEIDENSPINNER . ANNA RINOLDI .
ALEXANDRA PARAMÉS . EDUARDA ALVARENGA . VANDA PEREIRA .
CARLA FRAGATA . MARCO SOARES . RAQUEL MARTINS

OF
OLHAR FEMININO
OF
EXPOSIÇÃO COLETIVA

Curadoria

Carlos Álvares

Olhar Feminino. Olhar. Feminino. Feminino Olhar. Pretende-se que esse Olhar, esse Feminino, pertença a todos e a ninguém ao mesmo tempo. Que dependa do contexto e da interpretação de cada um, e que, podendo ou não ser sinónimo de sensibilidade, possa pertencer a quem assim o desejar e mesmo a quem julgue não o ter.

Olhar Feminino não é garantido, desenvolve-se, mergulha-se nele, é Sentido e direta ou metaforicamente vivido!

Enquanto mentor e curador, fazer parte do processo destes fotógrafos à volta do tema "Olhar Feminino" foi MARAVILHOSO e representou para mim uma grande satisfação pessoal e um enorme privilégio.

Sendo resultado de um extraordinário e singular processo ao longo do qual cada artista depositou a sua total dedicação, partilha e entrega, esta exposição simboliza o final de um percurso de aprendizagem global e de crescimento não só individual como de todo um coletivo. Essa aprendizagem mostrou-se evolutiva e enriquecedora em várias áreas para além do desenvolvimento do trabalho fotográfico, pois a fotografia será sempre muito mais do que aquilo que explicitamente revela. Em "Olhar Feminino" não se foge a esta verdade.

Parabéns a todos os que contribuíram para este processo, entre eles artistas, mentores, apoiantes e parceiros.

Obrigado!

Âmbito do projecto

Juntar jovens fotógrafos promissores à volta de um tema (Olhar Feminino) para desenvolverem individualmente esse tema, com encontros regulares e intensivos para apoio e partilha geral. Resultando numa exposição fotográfica de um colectivo numa galeria aberta ao público. Exposição essa que é o resultado do processo de cada um em colectivo com acompanhamento de mentoria. É a afirmação de 13 projectos de 13 fotógrafos artistas.

OF
OLHAR FEMININO

que o vento sopra

A vivência do feminino delinea-se numa geografia de trocas e aquisições de satisfação e desejo, desdobrada sobre um mapa de conflituosos conceitos, valores, teorias e standards. É uma batalha que se insurge eminentemente sobre uma representação sublime da beleza. O corpo da mulher é violentado, rompendo-se da própria percepção (assim dismórfica) – agressiva rutura. Numa interrupção do que é natural, a imagem corporal é deformada em revolta contra o que lhe é organicamente imperfeito.

Estabelecem-se ignóbeis restrições à existência e assiste-se à natureza constrangida, retraída.

A sobremaneira diluída fronteira entre o dever e o ser impõe pressão instigadora da manipulação do orgânico a favor do produzido, uma perturbação industrializada.

Fatores distintivos (limites, linhas) assumem, então, em regime de exclusividade, o seu caráter de elemento transgressor e de restrição e divisão.



Alexandra Paramês

Alexandra Paramês nasceu em Lisboa a 10 de Agosto de 1997. Em criança adorava desenhar, escrever, cantar e tocar piano. Aos 14 anos, quando lhe foi emprestada a câmara do seu pai, nota que o captar do momento se tornou ímpeto inexplicável, burburinho difícil de silenciar. Aos 19 anos foi aceite na licenciatura em Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde se especializou em Cinematografia. Em 2019 entrou numa pós-graduação em Fotografia e New Media no IADE Creative University. Agora trabalhando como fotógrafa freelancer, acaba de terminar o curso profissional de fotografia no IPF - Instituto Português de Fotografia.

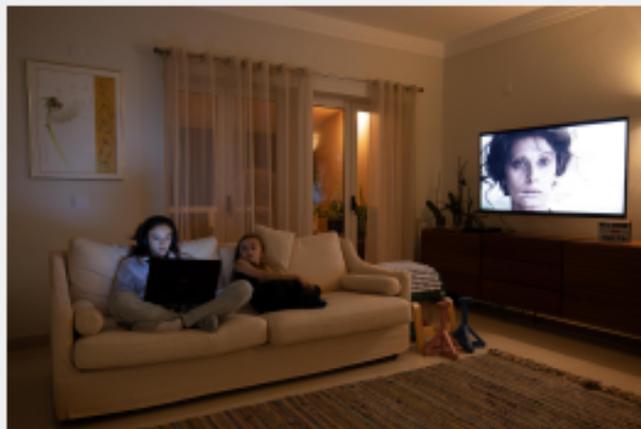
Vittoria, Chiara e Sofia

PT

Cada um de nós deseja dar uma vida excepcional aos seus filhos. Quanto a nós, decidimos sair de Itália para procurar um futuro diferente e melhor em Portugal. Um desafio, o desejo de ultrapassar a norma, a busca de uma batalha comum que nos una para nos perdermos e nos encontrarmos na nossa luta ao longo dum caminho juntos para a felicidade.

Depois de três anos neste país e de algumas dificuldades, porém, sinto que as coisas estão a mudar. Não me sinto mais o ápice de cada escolha, a agulha da balança. A que custo? Até quando podemos ser a bússola do percurso de vida dos nossos filhos e quando chega o momento em que apenas temos de sugerir um caminho e deixar que os nossos sentimentos se unem com os da geração que trouxemos ao mundo?

Olhar Feminino é uma leitura reflexiva sobre o meu caminho de mãe imigrante de uma adolescente e pré-adolescente. Esta imagem captura um momento familiar simples e íntimo em que gostaríamos de unir a nossa cultura àquela que nos acolhe. É uma representação do quão fundamental pode ser o vínculo familiar e a irmandade. É uma provocação sobre o papel que nós, pais, afirmamos ter na vida dos nossos filhos.



Ognuno di noi cercare di dare un'esistenza eccezionale ai propri figli. Noi abbiamo scelto di lasciare l'Italia e cercare in Portogallo un futuro diverso, migliore. Una sfida, la voglia di elevarsi sopra la norma, la ricerca di una battaglia comune che ci unisse per perderci e ritrovarci nella nostra lotta su un percorso condiviso verso la felicità.

Dopo tre anni in questo paese e dopo alcune avversità avverto però che le cose stanno cambiando. Non mi sento più il vertice di ogni scelta, l'ago della bilancia. E' giusto così? Fino a quando possiamo essere la bussola del viaggio di vita dei nostri figli e quando arriva il momento in cui dobbiamo solo suggerire un percorso e lasciare che il nostro sentire si stemperi in quello nuovo, fresco delle generazioni che abbiamo messo al mondo?

Olhar Feminino è uno sguardo riflessivo sul mio percorso come madre immigrata di un'adolescente e pre-adolescente. L'immagine cattura un momento familiare semplice e intimo in vorremmo unire la nostra cultura a quella che ci ospita. È un'idea di quanto possa essere fondante il legame familiare e la sorellanza. E' una provocazione sul ruolo che noi genitori pretendiamo di rivestire nella vita dei nostri figli.

Anna Rinoldi

Nascida e criada no norte da Itália, vivo a minha vida viajando entre o meu país natal, a Suíça e Portugal. Sempre tive uma forte vocação para a fotografia, mas deixei de ouvi-la por muitos anos. As primeiras décadas da minha vida viajei pelo mundo, dediquei-me a diferentes empregos e percursos profissionais até à minha decisão de me inscrever no Instituto Português de Fotografia em Lisboa. Acredito fortemente que as imagens não só definem as nossas memórias como criam um senso de identidade e isso acontece tanto no extraordinário quanto no comum. As minhas áreas de interesse na fotografia são paisagem e retratos com maior foco na fotografia documental de família.

ÉTER

Função orgânica, caracterizada pela presença de um átomo de oxigênio e dois átomos de carbono.

Céu superior. Céu sem limites. Ar elevado, puro e brilhante, matéria desconhecida.

Etimologicamente, Éter deriva da palavra grega "aither" que significa a camada mais pura. Luz que queima ao iluminar.

Exploro os significados e conotações multifacetadas associadas à palavra e à condição de ser mulher, numa perspectiva afirmativa e pessoal da experiência feminina... procurando captar essa essência delicada e indescritível. E é ondulante, inquieta e intangível, a natureza feminina.

O lado intáctil, incorpóreo e a matéria. A urgência exacerbada, superlativa e uma hipersensibilidade, de tal forma avassaladora, que move, que cria, mas que extingue também.

Os sentimentos escapam do mundo interior para o real, como se precisassem dessa fuga para afirmar a sua existência. Substância invisível que preenche o Universo.

Essa é a expressão Éter: Mais do que a forma, a sensação - a Mulher pureza, brilho, natureza desconhecida... Imagens-sensação, alma-corpo: existência. Universo lírico, poético, indizível.

A essência de ser eterno ventre para sempre... Centelha vital de todas as criaturas. Crosta para impedir que a estrutura inteira se desvaneça.

Mulher - "Éter" tornado tangível em imagens.



Carla Fragata

Licenciei-me em Comunicação Social. Especializei-me em Relações Públicas, Publicidade e Marketing.

Tirei cursos de Fotografia, Design Gráfico, Design Web, formação de formadores e eformação e o "Instructional Strategies to Address the Diverse Needs of All Students".

Ganhei um concurso nacional de guões de teatro.

Fui jornalista em órgãos de comunicação social nacionais e internacionais, professora de ensino universitário e fiz exposições e curadoria.

Fui membro da Comissão Nacional para a conversão dos conteúdos de formação do CPF em UFCDs.

Sou professora de Ensino Profissional e de Adultos.

BemPostinha

Quando comecei a pensar sobre esse projeto, logo me veio o clichê de querer mostrar o que mais facilmente é perceptível aos olhos femininos, mas um pouco avessa a essa linha, continuei a pensar em como demonstrar o meu pensamento sobre o tema, concomitante ao meu olhar, porque no fundo creio que cada trabalho meu, reflete um pouco de mim, utópico seria se quisesse distanciar uma coisa da outra. Por isso, trago aqui algo que me é intrínseco: algumas atividades, pessoas, e um lugar.

Neste contexto irei mostrar-lhes o que eu vejo num atelier de artesões, do qual faço parte, ou quase a “casa das sete mulheres”, e um único homem, o poder que é a junção do singular no plural. A envolvimento se dá por projetos muito distintos que em certo momento no espaço e no tempo se cruzam, vos apresentarei um universo quase paralelo no meio de Lisboa que nos remete a antiga mercearia que ali fora um dia. Para além da unicidade que o trabalho manual contempla, há muito da essência que cada artista se propõe a explorar, em suas peças e ambiência. Poucos dos que aqui laboram o fazem a tempo integral.



Eduarda Alvarenga

Eduarda Alvarenga, nascida em 22 de maio de 1991, em Valta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil, entre muitos ofícios, a fotografia no seu íntimo, resguardado e guardado no seu sagrado espaço.

Mas o que é afinal o “olhar feminino”?

Debruço-me sobre o tema, mas não consigo encontrar uma definição, uma frase curta e simples que responda a esta pergunta. Pergunto-me se será por ser homem... mas tão pouco consigo chegar a alguma conclusão ao tentar definir o olhar masculino. Quando mais penso sobre o assunto mais me parece difícil ou mesmo talvez errado limitar o mundo e as pessoas pelas 12 arestas de uma caixa, de conceber as coisas da vida como se fossem objectos devidamente arrumados, identificados e catalogados numa daquelas extensas prateleiras de museu.

Não são afinal os nossos olhares construídos a partir do conjunto de todas nossas experiências, sejam estas vividas por nós enquanto indivíduos ou passadas pelo grupo ou comunidade à qual pertencemos? O mundo é complicado e nós também. E é assim, fugindo a tentar criar definições que possam diminuir ou limitar a concepção daquilo que é o feminino, que criei este conjunto de imagens que tentam de alguma forma representar algumas das muitas experiências de um ser feminino e despoletar esta conversa sobre o que é afinal o “olhar feminino”.

Será que existe um olhar feminino?

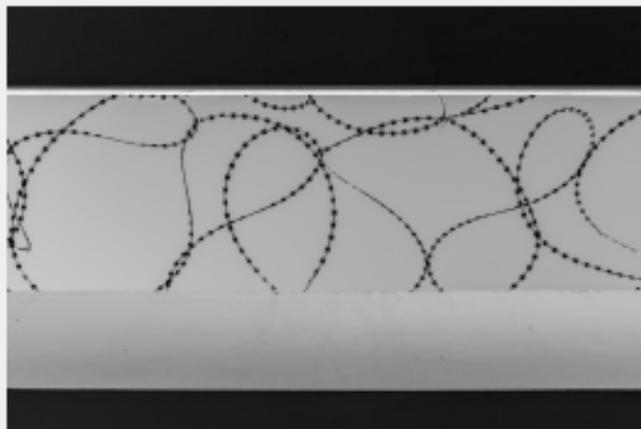


Francisco Soares

Nasci e cresci no Seixal onde fiz alguns amigos, dei uns toques na bola e aprendi a tocar trompete. Aos 17 anos parti em direcção à cidade de Coimbra para frequentar o curso de Ecoturismo na Escola Superior Agrária de Coimbra. Em 2015, surge a oportunidade de ir trabalhar para a Emirates Airline e, sem grandes arrependimentos, fiz as malas e parti para o Dubai. É aqui, nesta vida caótica de um assistente de bordo, que surge a fotografia como uma forma de captar os locais por onde passava. Em 2020, fruto da pandemia, decidi regressar a Portugal e tentar fazer da fotografia o meu ganha pão. Nos dias de hoje encontro-me a frequentar o curso profissional de fotografia do Instituto Português de Fotografia.

Moenia

Ao pensar neste projeto decidi embarcar na aventura de abordar o tema "Olhar Feminino" fotografando um estabelecimento prisional que albergasse população reclusa do sexo feminino. Não só pelo olhar das reclusas, que eu esperava que fossem pesados, tristes, vazios, mas também procurava retratar de que forma um edifício tão frio se torna mais quente pela forma como estas vivem o mesmo. Desde o primeiro dia que os olhares que esperava encontrar me surpreenderam bastante. Ao invés de olhares vazios e pesados, na maioria das vezes, a forma como estas mulheres encaram a sua realidade fez-me repensar bastante a forma como eu próprio pensava sobre um lugar destes. Penso que este trabalho assenta na dicotomia entre o espaço, as pessoas que estão a cumprir pena no Estabelecimento Prisional de Odemira e as que lá trabalham.



Lucas Coelho

Nascido e criado na Arrentela, Margem Sul, em 1999, desde sempre que o desconhecido me fascinou. Lembro-me ansiar sair da escola todos os dias para ir brincar na rua, e passear pelas matas que ladeavam a minha casa. Com cerca de 9 anos, comecei a agarrar na máquina fotográfica da minha mãe e a querer fotografar e registar tudo o que via à minha frente, mas infelizmente com o passar dos anos, outras temáticas foram-se tornando prioritárias na minha vida, deixando de lado esta paixão da fotografia. A meio da minha licenciatura voltei agarrar na máquina e desde o primeiro instante que soube que seria este o meu futuro. Mesmo assim decidi completar a minha formação, o que me foi deixando cada vez mais infeliz. Após concluir o primeiro ano de mestrado decidi abandonar os estudos e abraçar esta minha paixão com todo o meu ser. Apesar de me sentir mais à vontade a fotografar concertos, surf e a fazer retratos tive a oportunidade de ir descobrindo neste mundo na fotografia voltando então às minhas origens e ao fascínio pelo desconhecido. Desta forma, nasceu este projeto que penso ser apenas o primeiro desta minha busca de retratar realidades desconhecidas para tantas pessoas.

Shatter Me

EN

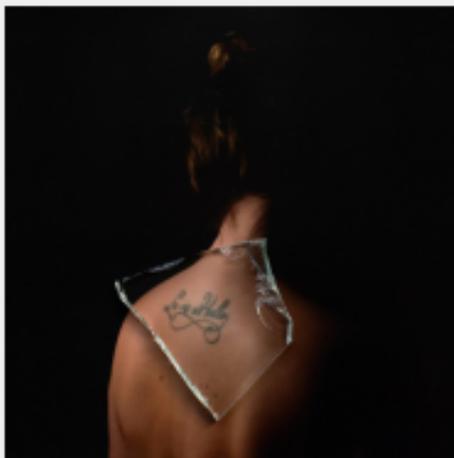
When I look in the mirror, I see me.
When I look in the mirror, I see you.
We see each other, are similar yet not the same. You're a part of me, always
have been.
As long as you're with me, I'm never alone.

When I'm lost in the shadows, I see you standing by my side, creeping up on me
slowly. I feel your hand guiding me, your tendrils of darkness surrounding me,
your tender voice lulling me to sleep with songs about carefree days and
sweet dependency.
As long as you're with me, I'm never alone, you tell me.

You are not me, yet you are part of me.
You're my doubts, my fears, my insecurity. You're the mask I wear to protect
myself from the world.
Without you I feel lost, exposed, vulnerable.
You're the wall I surround myself with, the fence I built to shelter myself from
anything that might touch me, recognize me, truly see me.
You're my best friend and my greatest foe, my strength and my weakness, my
true north and my lost course.

And yet, I'm so much more than that.
I'm so much more than you.
I'm the sum of all things that define me.
I'm my fears, my doubts, my insecurity
- but I'm also my strength, my courage, my hunger for a future no longer
dictated by you.
You were greedy, wanted me all to yourself, but no more.
With each passing day, I grow stronger, with each passing minute, I ready
myself to defy you, to shatter you, to break the chains you had wrapped around
me for too long.

You're a part of me, always will be, but you'll never break me.
I am so much more than you
- and only I can decide what shatters me.
I will not fear you. I will not fear me.
You are me. I am you.
I am all parts of me. Even you.



Wenn ich in den Spiegel sehe, sehe ich mich.

Wenn ich in den Spiegel sehe, sehe ich dich.

Wir sehen einander, sind einander ähnlich und doch nicht gleich. Du bist ein Teil von mir, bist es immer gewesen.

Solange ich dich habe, bin ich niemals allein.

Wenn ich blind durch die Dunkelheit stolpere, spüre ich dich an meiner Seite, spüre wie du mich langsam umgibst. Ich spüre deine leitende Hand, deine Ranken aus Schatten umschließen mich, deine zarte Stimme wiegt mich in den Schlaf mit Liedern über sorgenfreie Tage und süße Abhängigkeit. Solang ich dich habe, bin ich niemals allein, sagst du mir.

Du bist nicht ich, und bist doch Teil von mir.

Du bist meine Zweifel, meine Ängste, meine Unsicherheit. Du bist die Maske die ich trage, um mich vor der Welt zu schützen.

Ohne dich bin ich verloren, verletzlich.

Du bist der Schutzwall mit dem ich mich umgebe, der Zaun den ich mir aufgebaut habe, mich vor allem abzuschirmen was mich berühren, erkennen, wahrlich sehen könnte.

Du bist mein bester Freund und mein größter Feind, meine Stärke und Schwäche.

Und doch bin ich so viel mehr als das. Bin ich so viel mehr als du.

Ich bin die Summe aller Dinge, die mich ausmachen.

Ich bin meine Ängste, meine Zweifel, meine Unsicherheit

- doch ich bin auch meine Stärke, mein Mut, meine Sehnsucht nach einer Zukunft die du nicht bestimmst.

Du warst gierig, wolltest mich ganz für dich, doch nun nicht mehr.

Mit jedem Tag der vergeht werde ich stärker, mit jeder Minute bereite ich mich darauf vor, mich dir zu widersetzen, dich zu zerschmelzen, die Ketten zu sprengen, die du mir umgelegt hast.

Du bist ein Teil von mir, wirst es immer sein, doch du wirst mich nie brechen.

Ich bin so viel mehr als du

- und nur ich kann entscheiden, was mich zerbricht.

Ich fürchte dich nicht.

Ich fürchte mich nicht.

Magdalena Seidenspinner

Magdalena Seidenspinner nasceu em 1996 em Munique, Alemanha.

Depois de concluir a licenciatura em Jornalismo em 2017, mudou-se para Lisboa para continuar os seus estudos no Mestrado em Estudos de Cultura e Literatura.

No entanto, Magdalena nunca esquecera a sua paixão pela fotografia, razão pela qual decidiu mudar de carreira em 2020, concluindo o seu curso profissional de fotografia no Instituto Português de Fotografia nos dois anos seguintes. As suas áreas de trabalho incluem fotografia de moda e retrato, bem como projetos conceptuais e artísticos.

Impermanência

Que não se mantém de maneira permanente; efêmero; que não dura.

Temos medo da partida, da solidão que nos corrói silenciosamente os ossos e nos seca as veias. Sentimos o peso da separação. O peso das palavras que nunca mais serão proferidas e mesmo que voltem a ser, nunca serão com a mesma leveza...e esse peso... ele fica lá como uma barreira que corta uma nova ligação.

As ligações não são permanentes, elas rompem-se, ficam diluídas na memória ao longo dos tempos, tomando-se difusas e resta o corpo entorpecido até a próxima perda. Somos sociáveis, até o mais solitário dos seres já esteve em contacto com um semelhante e todos sentiremos o dia da separação.

Em Impermanência retrato a perda e de possíveis perdas dessas ligações humanas. O medo de interagir e do afastamento. À interrupção da felicidade.

Na medida que o tempo avança sucumbem palavras, sucumbem laços, sucumbimos nós.



Marco Soares

Atualmente residente em Lisboa, Marco Soares é natural de Oliveira De Azeméis. O que inicialmente começou sem grande pretensão, participando em pequenos concursos locais de fotografia, esse hobby acabou por se tornar a sua maior paixão. Em 2022 terminou o curso profissional de fotografia no Instituto Português de Fotografia de Lisboa.

O Partilhar a sua visão do mundo que o rodeia fez com que a fotografia Artística, juntamente com os métodos criativos, fossem as áreas onde debruça mais interesse. Recentemente um dos seus trabalhos, "Salmoura" foi exposto na cidade de Braga e publicado na Revista Pulsar. Já participou na organização da maratona fotográfica Fnac Lisboa, sob o tema arte urbana.

In-depth – Profundamente

Entre as curvas e linhas do corpo feminino é possível encontrar algo para além do que ele realmente é, um corpo. É possível encontrar refúgio nas suas sombras, estradas sem fim, onde a criatividade ganha densidade. Neste espaço íntimo, cheio de intensidade e em simultâneo, vazio, encontramos inúmeras paisagens. O corpo feminino: onde se cria vida, também se cria arte.

Com um olhar mais subjetivo, a criação de cenários é infinita. E aqui entra a transformação. Este é um projeto fotográfico que reflete a metamorfose feminina humana em algo abstrato. Uma paisagem. Uma desconstrução da realidade corporal em algo imaginário. De landscape a bodyscape.



Mariana Pereira

Mariana Pereira, 24 anos, licenciada em Relações Internacionais e com mestrado em Comunicação Política, é agora estudante de fotografia no Instituto Português de Fotografia, em Lisboa.

Desde pequena que viaja e sempre sonhou com mais horizonte. E para contar a sua história e aventuras, começou desde cedo, a passear com a câmara na mão. A sua paixão por fotografia passa por várias áreas, desde a fotografia de Paisagem, Rua, a Retrato. Contudo, o seu maior sonho é fazer da Fotografia de Viagem a sua vida.

im . perfeições

O corpo em que habita transporta marcas do tempo e do seu crescimento. Na pele dela estas marcas representam preocupação, aversão, tristeza e angústias constantes. No entanto, à medida que o tempo passa por ela estas marcas, estas imperfeições tornar-se-ão parte de si, parte da pessoa que ela é.

im . perfeições representa o processo de aceitação das marcas deixadas pelo tempo na sua pele, pois afinal não a definem como pessoa.



Maria Faustino

Maria Faustino, natural de Évora, nasceu a 20 de Abril de 1995. A arte de fotografar foi-lhe dada a conhecer pelo seu avô Joaquim. Desde pequena que se encontrou rodeada por fotografias, sejam elas de familiares, de momentos, de arquitetura ou de paisagens. À medida que o tempo passava afastava-se do mundo das artes, acabando por se licenciar em Biologia e tornando-se mestre em Análises Clínicas. No entanto, o amor por fotografia permaneceu até aos dias de hoje.

EQUILIBRIUM

O presente trabalho, procura abordar o tema da paz numa perspetiva intemporal e universal.

A linguagem usada baseia-se no simbolismo, recorrendo a uma paisagem que sugere a ideia de horizonte, de libertação, da ausência de barreiras e limites de qualquer natureza.

Evoca-se a tragédia grega através da máscara da mulher e das roupas brancas.

Os balões pretos e brancos, representam a dicotomia entre o lado sombra e o lado luz, entre o bem e o mal.

Pretende-se transmitir uma ideia de equilíbrio e de uma existência em paz e harmonia.

As imagens são um autorretrato da autora, que procura desta forma personificar e dar corpo ao conceito que quer transmitir, complementando o projeto com um texto da sua autoria.



Raquel Martins

Nasceu em 1980 em Lisboa, licenciou-se em Turismo e especializou-se em Estudos Asiáticos e História de Arte.

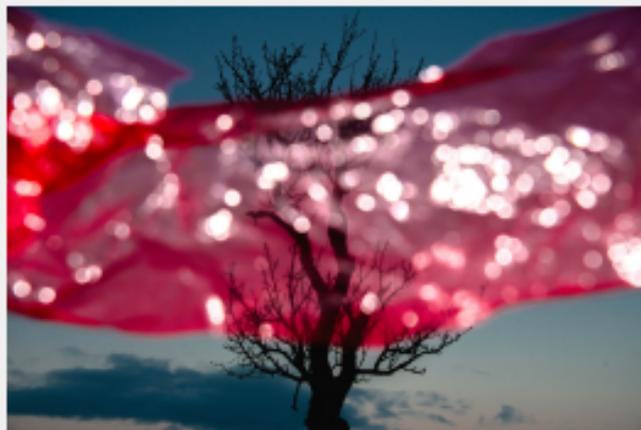
Trabalhou como guia intérprete durante cerca de 20 anos. A máquina fotográfica foi sempre uma companhia pelo mundo, desde a adolescência. Aproveitou um período de paragem forçada, devido à pandemia, para estudar fotografia no IPF e cimentar conhecimentos na área. Atualmente, dedica-se exclusivamente a captar o mundo e a materializar conceitos e ideias através da fotografia.

NÃO [SEI] SER

No exterior próximo encontro-me com o interior, um universo dos muitos que acredito que existem de dentro. Nas cores encontrei um padrão pessoal de mascarar aquilo que não sei. Criar algo a partir do desconhecido e daquilo que de outra forma não sei explicar, além da constante necessidade de respostas faz com que apenas a imersão total em pedaços faça sentido. No entanto, até ao final da minha vida não saberei quem sou na totalidade, talvez abraçar tal incógnita seja a forma mais simples de aceitação.

Neste projeto decidi entrar na questão e saber que não iria sair dela — no final não há respostas certas sobre a identidade de um Ser. O espaço mental materializado na natureza é um local de exploração, onde o subconsciente emerge e expressa-se.

Existem camadas e ciclos, começamos e “acabamos” no mesmo lugar. A parte de aceitar um processo sem fim ainda não foi conseguida, mas nestes ambientes do universo do Eu espelho a minha identidade sob a forma do bom e do mau, agarrada a uma raiz mental que segura os meus pés e onde os ramos vão crescendo comigo. No final, tudo isto é uma ideia mental sobre o Ser — não existe nada mais além deste universo.



Sofia Beatriz

Sofia Beatriz tem 25 anos e foi através da aprendizagem como observadora que desde cedo se deixou cativar pelo seu redor. Aquilo que é considerado belo ou feio é interpretado de uma maneira independente e com o seu espaço próprio na realidade. É através do gosto de criar mentalmente universos e ambientes onde o seu subconsciente se eleva, que a vontade de retratar tanto a realidade como a criatividade fez com que a fotografia ganhasse presença. É incontornável a necessidade de comunicar através desta forma e existe uma necessidade de expor. A partir daí nascem as imagens como forma de explicar aquilo que não se consegue explicar de outra forma.

De momento está a terminar o Curso Profissional de Fotografia no IFF e dá os seus primeiros passos como Freelancer na área.

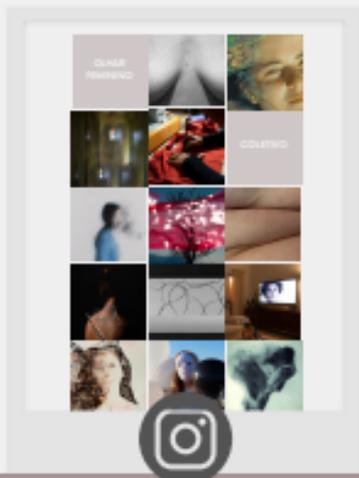
Geia

Este projeto consiste na representação de um paralelismo entre o ser humano, com a destruição que o próprio faz à Natureza. Inicialmente, o objetivo deste trabalho era somente retratar a relação entre a “Mãe Natureza” e o ser humano. Desde há muito tempo que a transformação da natureza por ação Humana é notória, devido ao facto desta ser a principal fonte matéria necessária ao nosso desenvolvimento social e económico, verificando-se, no entanto, que esta sob-exploração começa a ter efeitos contrários aos pretendidos. À medida que o projeto se foi desenvolvendo, achei que faria mais sentido a representação da mudança que o Homem tem na Natureza, sendo por esse motivo que decidi que poderia ficar mais interessante intervir nas fotografias, de forma poder salientar essa relação entre Homem – Natureza.



Vanda Pereira

Vanda Pereira, 26 anos, nasceu a 13 de Outubro de 1996 em Setúbal, onde reside atualmente. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e com o Curso Profissional de Fotografia, no Instituto Português de Fotografia terminado em 2022. Pintura e fotografia são as suas formas de expressão. Em 2018, fez parte de uma organização não governamental chamada GASTagus. Esta experiência de voluntariado, juntamente com as experiências de Erasmus realizadas durante a sua licenciatura despertaram o seu interesse para questões relacionadas com a sociedade. Dando também origem a uma paixão pela fotografia, resultante da necessidade de retratar e registar estas questões sociais. Atualmente trabalha como fotógrafa freelancer.



Segue-nos no Instagram



COM APOIO DE:

JOÃO AZEVEDO . LUÍS ROSSA . RUI COSTA . RUI BARROSO
. PEDRO NUNES . PEDRO FIGUEIRA . MAYLINE CUNHA .
PEDRO JANEIRO . NUNO FONSECA